

# DA CAPELA À IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: OS ESPAÇOS DO SAGRADO NA PUC-RIO

**Aluna: Raylla Aquino de Almeida**

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Weiler Alves Finamore Filho**

## 1.0 - Introdução

Se nós pensarmos a Igreja como um lugar de memória da PUC-Rio, um lugar que celebra a vida e a morte, onde pessoas festejam, outras choram, outras rezam, precisamos compreender que esse lugar de memória teve outras configurações, e essas configurações têm um trajeto. Tal caminho se torna um roteiro de lembranças, no qual o presente trabalho pretende apresentar a Capela da PUC-Rio e suas modificações até a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Em 1955, na inauguração do novo *campus* na Gávea, a Capela da PUC-Rio se localizava no 5º andar do Edifício Cardeal Leme. Já em 1968, ela passou para o térreo do mesmo edifício e, posteriormente, em 2003, as missas, batizados, casamentos e outras celebrações passaram a ser realizadas na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. É importante lembrar que o início desse espaço do sagrado a ser estudado nessa pesquisa deu-se na igreja do Colégio Santo Inácio em Botafogo, quando, após sua inauguração em 1940 a Universidade instalou-se no Palacete Joppert, pertencente ao Colégio Santo Inácio.

Esta pesquisa se propõe a entender os espaços institucionais do sagrado e compreender de que maneira estes espaços comunicam-se com o ambiente que o circunda e com as pessoas que o frequentam. Além de analisar a carga simbólica que reveste esse espaço desde a Capela até chegar à Igreja e as transformações pelas que passa o espaço desde a inauguração do *campus*. A espinha dorsal desse trabalho é definida através da noção de “lugares de memória” proposta pelo historiador francês Pierre Nora [1]. O conceito de lugares de memória apoia-se sobre um tripé constitutivo da memória: sua dimensão individual, coletiva e institucional. A primeira dimensão da memória é definida pelo autor como uma memória relacionada às sensações do indivíduo, a segunda remete ao imaginário social e ao simbólico e a terceira memória está relacionada à história da instituição, que neste trabalho será a história da PUC-Rio.

Como estudante de Comunicação Social, na habilitação de Jornalismo, sou fascinada por esse fenômeno da comunicação que se espelha em todos os aspectos. Em tudo há comunicação: no colégio, na rua, no hospital. Pensando nisso, busquei identificar a Capela da PUC-Rio, na trajetória da Universidade, como um lugar de memória, que estabelece um processo de comunicação com as pessoas que se relacionaram de alguma forma com o espaço.

A partir do estágio no Comunicar, tendo como orientador o professor Weiler Alves Finamore Filho do Departamento de Comunicação Social, fui apresentada a um universo de histórias da PUC-Rio através da pesquisa que realizo no Núcleo de Memória da PUC-Rio. Vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC), o Núcleo de Memória da PUC-Rio, coordenado pela professora Margarida de Souza Neves, conta com a equipe de pesquisadores Silvia Ilg, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, a colaboração do professor Weiler Finamore Filho, e ainda com a minha

participação e dos bolsistas de Iniciação Científica Eric Damião Duarte, Ana Amorim, Juliana Capossoli e Edson de Souza.

Este Relatório é referente a dois semestres do projeto de pesquisa no período de julho de 2019 a julho de 2020 e conta com duas partes distintas, a saber:

- Relatório Técnico: lista as atividades coletivas desenvolvidas no Núcleo de Memória e individuais desempenhadas no Comunicar e no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

- Relatório Substantivo: a elaboração do estudo definido pela pesquisa do projeto.

## **2.0 - Relatório Técnico**

### **2.1 - Atividades em equipe**

- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas. Debate sobre as atividades do Núcleo e do Comunicar, cadastro de acervos de fotografias em metadados e discussão de textos;

- Seminário realizado em 08 de abril de 2019 sobre o texto “Documento/monumento” do historiador Jacques Le Goff. A equipe discutiu, com base no texto, como é importante para o pesquisador entender a relação entre documento e monumento no trabalho memorialístico e historiográfico;

- Seminário realizado em 03 de junho de 2019 sobre o filme “Asas do Desejo” do diretor Wim Wenders. A equipe discutiu as questões da memória e do afeto presentes no filme, de modo a entender como as experiências se mostram fundamentais na construção da memória. Debateu-se também a questão dos lugares de memória, fazendo referência ao Muro de Berlim, presente no filme;

- Seminário realizado em 10 de junho de 2019 sobre os textos “A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da Odisséia” e “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória” da autora Jeanne Marie Gagnebin. A equipe discutiu sobre a importância de trabalhar os fragmentos através da análise da autora e a questão do trauma e da cicatriz, analisando o filme discutido na semana anterior;

- Seminário realizado em 12 de agosto de 2019 sobre os textos “A emergência da memória”, “História e memória: uma dupla antinômica?” e “O tempo e a força” do livro Passado, modos de usar escrito pelo historiador italo-francês Enzo Traverso. No seminário foi debatido a importância da memória no decorrer do tempo histórico e as considerações que ela pode se tornar na história;

- Seminário realizado em 25 de novembro de 2019 sobre do capítulo 3, “A retórica testemunhal”, do livro “Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva” da ensaísta e crítica Beatriz Sarlo. Foi discutido o papel dos testemunhos no contexto da memória;

- No dia 24 de março de 2020, deu-se início às reuniões via Zoom em função das restrições impostas pela pandemia de Covid-19, com a realização do seminário de texto do primeiro capítulo intitulado “Na caverna de Platão”, da escritora e crítica cultural Susan Sontag. A equipe realizou reflexões filosóficas e sociológicas através do texto para entender o momento atual em que o mundo se encontra em uma pandemia;

- Em 30 de março de 2020, houve a continuação das discussões propostas pelo texto do primeiro capítulo intitulado “Na caverna de Platão”, também de autoria de Susan Sontag.

- Realização de seminários teóricos internos com a participação da equipe para a discussão de textos sobre o conceito de Memória:

- Seminário ministrado em 06 de abril de 2020 pela professora Margarida de Souza Neves acerca do texto “Na Caverna de Platão” de Susan Sontag;

- Seminário ministrado em 27 de abril de 2020 pela professora Margarida de Souza Neves acerca do texto “Memória, Identidade e Projeto” de Gilberto Velho;

- No dia 18 de maio de 2020, foi realizado o debate e análise do folder da Coleção Lugares de Memória elaborado pela designer Cristina da Sense Design;
- Apresentações periódicas dos relatórios e resumos de PIBIC dos bolsistas.

## 2.2 - Atividades individuais

- Cadastro e publicação de fotos e documentos do acervo do Comunicar no banco de dados do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
  - Atendimento às solicitações de pesquisa por fotos para os veículos do Comunicar e outras áreas da Universidade;
  - Participação na equipe de monitoria da exposição “Uma carta aos Brasileiros” realizada no Solar Grandjean de Montigny no período de 21 de agosto de 2019 ao dia 19 de dezembro de 2019;
  - Pesquisa nas edições do acervo dos jornais da PUC-Rio digitalizados para a realização da pesquisa voltada para as Jornadas de Iniciação Científica;
  - Pesquisa de fotos no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
  - Realizei as seguintes entrevistas para a pesquisa de Iniciação Científica:
    - 1) Antônio Albuquerque, fotógrafo da PUC-Rio;
    - 2) Maria Auxiliadora Bernardo da Silva, ex-secretária da Pastoral Universitária;
    - 3) Jorge Paulo, fotógrafo do Comunicar, não utilizada para a elaboração do Relatório Substantivo;
    - 4) Profa. Marina Lemette Moreira, coordenadora do NEAM;
    - 5) Prof. pe. Paul Alexander Schweitzer S.J., do Departamento de Matemática;
    - 6) Prof. pe. Pedro Guimarães Ferreira S.J., do Departamento de Engenharia Elétrica, presidente da Mantenedora da PUC-Rio e da Fundação Padre Leonel Franca.
  - Leituras realizadas para embasamento teórico da pesquisa:
    - 1 - ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: FGV-RJ, 1996.
    - 2 - LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
    - 3 - NEVES, Margarida de Souza; BYINGTON, Silvia Ilg (Orgs.). **Igreja do Sagrado Coração de Jesus: Fé, Arte, Memória**. Rio de Janeiro: Núcleo de Memória da PUC-Rio, 2017.
    - 4 - NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993.
- A seguir, o Relatório Substantivo no qual consolidado os resultados da pesquisa.

## 3.0 – Relatório Substantivo

### **Da Capela à Igreja do Sagrado Coração de Jesus: os espaços do Sagrado na PUC-Rio**

#### 3.1 – Introdução

A PUC-Rio se dedica a atividades de ensino, pesquisa e extensão. Caracterizada, também como uma Universidade ligada à tradição humanístico-cristã da Igreja Católica Apostólica Romana [2], ela contempla uma dimensão espiritual inerente ao ser humano. A partir disso, a PUC-Rio, tendo como elementos de sua identidade pela perspectiva cristã e a espiritualidade jesuítica, abarca um traço religioso que pode estar presente nas diferentes realidades humanas que conformam a comunidade universitária. Com o intuito de fazer uma

universidade católica para o Brasil, dom Sebastião Leme, então arcebispo do Rio de Janeiro, confiou a universidade à direção da Companhia de Jesus. O Cardeal designou para ocupar o cargo de reitor das então chamadas Faculdades Católicas o padre Leonel Franca S.J., que fazia parte da Companhia de Jesus. Com isso, a primeira universidade católica do Brasil acolheu sacerdotes jesuítas que estudavam, ensinavam e até moravam no *campus* da Universidade.

Os primeiros anos da PUC-Rio, inicialmente chamada de Faculdades Católicas, foram no Colégio Santo Inácio, na rua São Clemente, em Botafogo. É importante lembrar que a primeira Capela da PUC-Rio, primeiro espaço religioso da Universidade, foi a Igreja do Colégio Santo Inácio [3]. Essa Igreja guarda relíquias que foram feitas para a Igreja do Colégio dos Jesuítas do Morro do Castelo, ainda no período colonial [4].

Quando a Universidade passou a ocupar o *campus* no bairro da Gávea, em 1955, foi instalada a primeira Capela da PUC-Rio no 5º andar que hoje conhecemos como Edifício Cardeal Leme, no qual havia também a clausura dos sacerdotes Jesuítas.

### 3.2 – A Capela da PUC-Rio

O pe. Paul Alexander Schweitzer S.J., professor emérito do Departamento de Matemática, lembra que no final do corredor do 5º andar havia a comunidade dos jesuítas, e a Capela ficava no início desta comunidade [5]. Pe. Paul chegou à PUC-Rio três anos depois que a Capela foi transferida para o térreo do Edifício Cardeal Leme, mas sempre soube da existência e da história da primeira Capela do quinto andar através de outras pessoas.

Segundo ele, a primeira Capela do *campus* era aberta, tinham missas três vezes ao dia, mas não era muito acessada por ficar fora da passagem da comunidade universitária em geral. A Capela ocupava um espaço em que atualmente há salas de aula do Edifício Cardeal Leme.

Presidente da mantenedora da PUC-Rio e da Fundação Padre Leonel Franca, o pe. Pedro Guimarães Ferreira S.J. começou a estudar Engenharia em 1954 na Universidade e teve contato com a primeira Capela do *campus* por poucos anos. Pe. Pedro lembra que a Capela era enorme, porém menor que a atual Igreja, mas o sacerdote considerava grande o tamanho do espaço que a Capela ocupava no andar do edifício. Lembrou ainda que a Capela tinha umas cinco janelas que emolduravam uma panorâmica da Mata Atlântica resiliente em meio urbano no atualmente denominado Parque Natural Municipal do Penhasco Dois Irmãos.

Em 29 de novembro de 1968, a Capela deixou de ocupar o 5º andar e foi reinaugurada no térreo do Edifício Cardeal Leme. Essa mudança tornou esse espaço do sagrado mais acessível para aqueles que buscavam frequentar um lugar propício para orações, meditações, celebrações, enfim, para que fosse possível ter uma intimidade com Deus entre as atividades dentro da Universidade. As paredes da nova Capela eram ornadas com imagens da Via-Sacra, etapas da Paixão de Cristo, produzidas a carvão pelo pintor Carlos Oswald.

Para discutir as memórias desses espaços do sagrado, é importante destacar a presença dos depoimentos que realizei ao longo da pesquisa, pois segundo a profa. Verena Alberti, “a história oral traz especificidades que vão além de uma representação pessoal do passado, mas, através do estudo acadêmico das memórias, pode-se compreender melhor de que maneira essas memórias se formaram” [6].

Em seu texto, Verena Alberti lembra que a memória não é apenas uma evocação do passado, mas constitui-se numa capacidade humana de reter e guardar o tempo que se transforma, ao longo das mudanças históricas [7]. Dessa forma, o ato de narrar traz consigo a preservação e recriação das memórias para si mesmo e para os outros, e essa importância do processo de narração e de rememoração oferece uma ordenação e coerência aos acontecimentos e experiências de vida dos entrevistados, no espaço e no tempo em que participavam dos momentos em que a Capela proporcionava.

A partir dos depoimentos sobre a Capela da PUC-Rio, o lugar contempla e é carregado de memórias afetivas, memórias coletivas e memórias institucionais. Esse tripé da memória, a

partir do que o historiador francês Pierre Nora explicita, define a construção singela da memória dos lugares do sagrado, especialmente a Capela e depois a Igreja da PUC-Rio através desses relatos [8].

Conforme Pierre Nora, a memória afetiva é criada a partir das experiências e das vivências de cada indivíduo. A memória coletiva é um conjunto das memórias de cada membro da sociedade que compõe o imaginário social e são compartilhadas socialmente, e a memória institucional é uma construção das memórias referentes às instituições ou empresas, representadas por registros de documentos, arquivos, acervos fotográficos ou até mesmo lugares físicos, como, por exemplo, a Capela.

A Capela da PUC-Rio, como um lugar de memória, concentra a experiência e representa as vivências e identidades das pessoas que a frequentaram. Norte-americano de origem, pe. Paul relata como foram seus primeiros momentos após a chegada ao *campus*, no dia 6 de agosto de 1971, e sua relação com a Capela.

Lembro que a primeira semana que eu cheguei, houve uma missa para um rapaz de São Paulo que tinha sido preso e alguns dias depois tinham devolvido o corpo dele para a família. Mas não me lembro do nome do rapaz, acho que era da USP. Essas coisas a gente fazia dentro da situação da Ditadura, não é? A gente sabia que tinham sido pessoas inocentes que estavam sendo mortas, mas a gente vivia a vida mais ou menos normal no meio dessa situação [9].

Ao falar dessas primeiras lembranças, pe. Paul demonstrava o quanto ficou impactado com a situação. Deixou claro que uma dimensão coletiva, experimentada naquele momento, do contexto histórico político, está fortemente presente na sua memória, pois este cenário se apresentou como uma nova realidade para um americano que chegava a um país que, naquele momento, era muito marcado por conflitos políticos. A Universidade não estava fora desse contexto e, entre outras ações formais e informais, realizava celebrações como essa missa. Essa dimensão foi marcada em sua vida por uma imagem da PUC-Rio de manter-se presente com sua catolicidade e atuar no contexto em que se insere com os valores que transmite.

Para o sacerdote, este primeiro contato com a Capela o impactou por conta do motivo pelo qual a missa estava sendo celebrada. Rezar pela alma de uma pessoa que foi assassinada pelas questões políticas daquela época, a qual ele via distante de sua realidade, foi uma das primeiras ações que pe. Paul fez ao conhecer a Capela. E isso é o que está em sua memória: esse determinado acontecimento, essa data e esse personagem. Inicialmente, se mostrando um lugar para acolher, sobretudo, as pessoas que rezavam a Deus pelos entes queridos.

Com missas pelas manhãs, às 7h e também às 12h, a Capela foi um lugar que acolheu alunos, professores e funcionários das diversas áreas que compunham a Universidade. Pe. Paul iniciou sua atuação na Universidade aliando os estudos em Ciências Exatas e a Fé, mantendo contato com a Capela através das celebrações das Missas.

Eu celebrava vários dias e concelebrava também. Era uma escala entre os padres durante a semana. Tinha a sacristia atrás da Capela. Também tinha um espaço com uma mesa lá para o padre que era Capelão ou cuidava da sacristia. Alguns padres que eu lembro que estavam lá: tinha o pe. Anselmo Morganti S.J., ele atendia na Capela. Depois dele teve o padre Xavier S.J. Eles ficavam lá atendendo a quem quisesse vir conversar com o padre [10].

Desde aquele momento, indo semanalmente à Capela para celebrar as missas, pe. Paul ganhou uma experiência de religiosidade que a PUC-Rio vivencia. Ao fazer parte deste cotidiano na Universidade, pe. Paul identifica na Capela fragmentos da sua própria identidade ao recorrer na memória a esses detalhes de sua história, um traço que representa e reflete sua vocação e essência religiosa sacerdotal. Além disso, como sugere Verena Alberti, a história oral, representada pelo relato do pe. Paul, permite narrar as suas experiências sobre as ações passadas na Capela. Cada missa celebrada é parte de um mosaico de lembranças que constituem suas memórias individual e coletiva daquele lugar e daquela época.

Na imagem a seguir, recorte de uma página da edição do Jornal da PUC de 1991, consta o registro de que as missas na Capela ocorriam nessa época também em outros horários, como às 7h30 e às 18h.



Recorte do Jornal da PUC. Fevereiro/1991, ano IV, no. 32, p. 7.

O próprio desenho ilustrativo indica que era um espaço amigável, esse acolhimento refletido no relato do pe. Paul. Além da ilustração, o texto informativo também traz essa mesma ideia de acolhimento que esse lugar, agora considerado um lugar de memória, expressava para a comunidade universitária. O texto e o desenho selecionados fazem parte do “Guia do Calouro”, uma seção de uma breve apresentação dos lugares que compõem o *campus* voltado para os jovens alunos que chegavam para estudar na Universidade. “Mas nem só de pão vive o homem e o alimento do espírito é fundamental. Para fornecer essa alimentação, a Capela da PUC – nos pilotis do prédio Cardeal Leme – oferece serviços religiosos como missas, batismos e casamentos” [11]. Esse trecho do texto do Jornal da PUC sobre a Capela mostra como esse espaço estava, e ainda está, hoje na Igreja, aberto àqueles que o procurassem. De alguma forma, a Capela se apresentava com uma imagem aberta aos alunos e a todos que sentem vontade de conhecê-la e frequentá-la.

Pe. Paul passou um ano como professor visitante na PUC-Rio. Mas, no final de 1972, solicitou ao noviciado da Campanha de Jesus em Lenox, EUA, ao qual estava integrado, que o enviasse definitivamente para a Universidade, sendo, então, contratado como professor do quadro principal do Departamento de Matemática. Também foi um dos fundadores do programa de pesquisa em Topologia no Doutorado em Matemática. Durante os primeiros anos na Universidade, ele se lembra dos detalhes de muitos lugares como o lugar que frequentava na Capela:

antes de ser a Capela, o espaço foi o primeiro lugar em que a PUC teve o primeiro computador universitário da América Latina [*sic*]. Era uma sala do computador e nos fundos tinha uma outra sala para aparelhos de ar-condicionado, porque o computador naquela época era à válvula que transmitia muito calor. Então tinha que ter um bloco enorme de ar-condicionado para sugar esse calor. Quando foi feita a mudança, foi na mesma época em que o RDC estava sendo construído. E um computador maior foi instalado lá. Então, isso disponibilizou o espaço que tinha sido sala de computador e bloco de ar-condicionado e foi feito a Capela [12].

A partir do olhar do sacerdote, é certo que as memórias dos aspectos da religiosidade do pe. Paul são voltadas principalmente para a Capela do térreo do Edifício Cardeal Leme. E a partir de suas memórias, ele as conecta com histórias anteriores à Capela. Esses detalhes

podem passar despercebidos para outras pessoas que são da mesma época, mas para ele ficaram marcados em sua memória pessoal. E em seus depoimentos pe. Paul enfatiza essas lembranças.

Essa percepção do depoimento relatado pelo pe. Paul nos remete ao texto da profa. Eliana de Freitas Dutra, no qual ela afirma que “como somos seres de memória” [13] o ser humano carrega consigo os dados de situações passadas e esses dados são constitutivos da memória. Por isso, ao se lembrar da Capela, veio à mente de pe. Paul a lembrança de qual era a ocupação da sala anterior à Capela. E essas suas afirmações nos impelem a pensar nas transformações do espaço físico, mas a permanência do afeto que este espaço proporciona aos que conviveram nele. E, como ele lembra, o dever da memória impõe recriar esses sentimentos de acordo com o papel social da Universidade.

Outro sentido observado, a partir dos depoimentos de pe. Paul, é sua ligação afetiva com o espaço e as experiências vivenciadas em sua rotina religiosa junto à Capela. O sociólogo britânico Stuart Hall analisa a ideia de afetação com algum lugar, o qual se insere na formação da identidade das pessoas, fazendo surgir um profundo sentimento de pertencimento ao espaço. Stuart Hall concebe a discussão sobre formas de identidade através da permanência do afeto que este espaço proporciona [14].

A narrativa construída através destes fragmentos do tempo é considerada com certa noção de identidade deste lugar representado pela Capela através das memórias dos entrevistados. E esse vínculo com o lugar que pe. Paul mantém com a antiga Capela está intimamente ligado à nova etapa de sua vida que se iniciava naquele momento. Ao sair do país de origem, ele encontrou nesse espaço um lugar acolhedor e semelhante ao que ele vivenciava em Lenox. E, ao longo do tempo, esse lugar fez com que contribuísse para a formação de um sentimento de pertencimento.

A Capela é parte da memória de pe. Paul. E a memória está diretamente ligada à sua identidade, uma nutre a outra, constrói sua trajetória e constitui uma narrativa de sua vida. Sem memória a pessoa se esvazia, não carrega em si as lembranças que a constituem e que formam sua própria existência, na consciência e no conhecimento de si mesmo, pois “quem tem memória vive no frágil presente, quem não tem, não vive em lugar nenhum” [15].

Na medida em que narra sua história através da Capela, pe. Paul reafirma o sentido do lugar fortemente presente, no momento que rememora e compartilha suas vivências que trazem o passado ao presente.

Outra entrevista que realizei para esta pesquisa foi com Maria Auxiliadora Bernardo da Silva, secretária do Centro de Pastoral Universitária, setor ligado à Vice-Reitoria Comunitária na época em que ela trabalhava na PUC-Rio. Auxiliadora conta que teve um forte relacionamento com a Capela. Desde 1976, quando começou a trabalhar na PUC-Rio, Auxiliadora frequentava as missas e outros eventos que ali aconteciam. Segundo ela, a Pastoral ficava na casa 18, na Vila dos Diretórios, mas sempre mantinha uma ligação afetiva com a Capela.

Em 1978, eu me casei lá. Foi o meu coordenador, o padre Mendes quem celebrou meu casamento. A Capela era muito simples. Tinha um quadro grande de Jesus Cristo. Tinha um Altar de pedra pequeno, duas mesinhas para colocar, tinha um banquinho de madeira e os bancos. A Capela era muito pequenininha, tinha cortina. Davam umas 80 pessoas só. Teve gente que não pôde entrar na minha cerimônia de casamento. As bodas de 50 anos dos meus pais também foram lá [16].

O relato é uma forma de narrativa da maneira como Auxiliadora vê e projeta a Capela em sua memória individual. Seu depoimento revela uma memória afetiva que podemos entender por “uma memória que projeta-se na descontinuidade de uma história” [17]. Mesmo diante de uma aceleração da História, fenômeno gerado pelas mudanças tecnológicas e

sociais, Auxiliadora nutre lembranças que fazem parte da sua relação com a Universidade a partir daquele lugar.

Esse sentimento conserva a presença da Capela em sua memória afetiva, quando se recorda dos momentos em que lá esteve. Assim como Stuart Hall fala do apego afetivo ao lugar, Pierre Nora afirma que “o tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória para só viver sob o olhar de uma história reconstituída” [18]. As declarações de Auxiliadora foram muito marcadas por esses momentos precisos ao longo da sua vida. Casamento, missas e celebração dos aniversários das bodas dos pais que se tornaram memórias que remetem àquele lugar representado pela antiga Capela na Universidade. Esses momentos íntimos, no sentido de ser tão pessoal e intrínseco, ressoam nas lembranças afetivas na história de vida das pessoas.

Auxiliadora, conhecida como Dora, comentou que, na época, inicialmente quem celebrava as missas na Capela era o padre Almeida. Depois, ao longo do tempo, os demais padres se revezavam para celebrar as missas de 12h. Segundo ela, os padres que celebravam as missas eram: pe. Josafá Carlos de Siqueira S.J., pe. Djalma Rodrigues de Andrade, pe. Paul Alexander Schweitzer S.J., pe. Thomas Lynch Cullen S.J., do Departamento de Física, e o pe. Anselmo Morganti S.J. Ela afirma também que em vários momentos a Pastoral ajudava a fazer as escalas dos padres para celebrarem a missa.

A Capela estava sempre ali para celebrar as missas, as missas de formatura, as missas para a comunidade. Às vezes, a Pastoral organizava eventos, encontros de aluno, tipo uns retiros abertos e fazia na Capela. Quando precisava fazer uma Missa de algum funcionário que falecia, sempre pediam ajuda à Pastoral para fazer uma Missa mais bonita, mais elaborada. Aí a Pastoral ajudava. A Capela tem sim uma ligação de ser o espaço de uma certa religiosidade dos funcionários católicos que queriam [19].

A gestão da Capela era ligada à Vice-Reitoria Comunitária, cujo Vice-Reitor era o pe. José de Souza Mendes S.J. Tendo trabalhado por 33 anos na PUC-Rio, Dora afirmou que a Pastoral era muito pequena e que, naquela época, o papel da Pastoral se referia à organização de reuniões com os professores e organização de encontros, além da criação de temas que fossem do interesse de certos aspectos da espiritualidade. Muito religiosa, ela se lembrou dos momentos em que frequentava a Capela.

Durante a conversa na casa de Dora, a entrevistada foi ao seu quarto buscar alguns documentos da Universidade e, ao encontrar imagens nos livros guardados em seu armário, Dora repassou a própria história através daqueles fragmentos de sua memória. Nas suas expressões faciais, via-se uma lembrança que trazia alegria de relembrar momentos felizes vinculados à Capela.

Para ela, a PUC-Rio não era apenas um local de trabalho, no qual a rotina baseava-se nas ocupações profissionais e acadêmicas. Ela via ali um espaço de extensão da sua própria vida, da sua própria vivência. Entre as lacunas que havia entre um serviço e outro, encontrava tempo no espaço do sagrado para reavivar a Fé. Segundo Dora,

a Capela era um pequeno espaço onde a gente tinha de religiosidade [sic]. Nós organizamos um grupo de funcionários e a gente sentiu a necessidade de fazer alguma coisa. Então, nós começamos a ter reuniões ali dentro, fazendo pequenos grupos de oração. A gente usava nosso horário de almoço para fazer um momento de oração depois da Missa. Reunia-se ali para rezar. Uma vez por semana, com cerca de 8 pessoas, nós organizamos um pequeno grupo de estudo, de partilha da Palavra. Acho que foi um dos primeiros grupos, assim, de catequese com os funcionários. Teve vezes que a gente convidava padres para dar retiros para a gente. O pessoal era animado [20].

Vê-se que esse lugar está marcado nas memórias de Dora, por ter feito parte dos acontecimentos de sua vida, tanto profissionais, quanto pessoais. Em meio às atividades da

Universidade, a Capela foi lugar onde, em muitas ocasiões especiais, Dora encontrava-se com o grupo de amigos e colegas de trabalho, além da própria história pessoal que perpassa desde o casamento até os batizados dos filhos.

Os depoimentos dos entrevistados podem ser considerados parte de uma memória coletiva, que fundamenta e reforça os sentimentos que a capela traduz e reforça, ou seja, o sentimento deles e de todas as pessoas que se envolveram com esse espaço. Nesse sentido, os depoimentos têm relação com as memórias e, a partir deles, a memória coletiva é formada pelo conjunto das memórias individuais.

Amigo de Dora, o entrevistado Antônio Albuquerque chegou ao Rio de Janeiro em março de 1966, e, com seu primeiro salário como funcionário da PUC-Rio, o futuro fotógrafo compraria sua primeira câmera fotográfica, a também primeira máquina fotográfica nacional chamada Rio 400, da Kodak. Seus primeiros registros foram alguns pontos turísticos da cidade. Em 1972, Antônio foi trabalhar no Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e começou a registrar as formaturas da Universidade a pedido da Vice-reitoria de Desenvolvimento.

Com essa minha atividade de fotografias e com minha relação com colegas e funcionários da Universidade, eles sempre pediam. ‘Vou batizar meu filho’ ou então ‘Eu vou casar’. Eu passei a registrar essas coisas informalmente, fora das minhas atividades oficiais. E tenho vários colegas aqui, alguns já estão fora da Universidade, que eu fiz o casamento deles aqui na PUC. E depois, nós saímos para fotografar aqui nos pilotis ou naquelas pontezinhas, casais, às vezes, de noivo. Ou então a família com recém-batizado [21].

Aos 72 anos, Antônio José Albuquerque Filho comenta as lembranças especiais com a Capela. Ele possui uma relação afetiva com o espaço por ter levado os filhos para batizar na Capela: em 1976, a filha Bianca, que posteriormente estudou Administração e trabalha na PUC-Rio na Vice-reitoria Administrativa e o filho Luciano, em 1980, que estudou Informática na Universidade.

O meu primeiro casamento foi em 74 e me casei lá com 27 anos, foi o padre Leme Lopes que celebrou a cerimônia. E, também, o batizado dos meus dois filhos. Você poderia requisitar os serviços da Capela, inclusive existiam pequenas taxas para fazer frente a alguma despesa, mas naturalmente se tratando do meu caso como funcionário, eu fui isento dessa taxa. E eu achei o lugar muito propício, porque alguns parentes meus vieram de Recife, a minha mãe, meus irmãos, meus tios. Era um número reduzido de pessoas, naturalmente alguns colegas aqui da Universidade, alguns professores. O meu círculo de amizade não era muito grande e o ambiente também proporcionava essa situação [22].

Assim como o depoimento de Auxiliadora, o relato de Antônio também revela a sua própria percepção da Capela e dos momentos que vivenciou no lugar. Para os dois, que trabalharam na mesma época e frequentavam a Capela, esse lugar de memória confere impressões por vezes semelhantes e por vezes muito particulares a cada um. Para Antônio, a imagem da Capela é tomada por uma memória com aspectos mais práticos por meio do trabalho de realizar as fotografias dos eventos em que era chamado para participar, porém sem deixar de observar o seu lado devocional, ao lembrar que escolheu este lugar para ser realizado o próprio casamento e os batizados dos filhos.

A profa. Marina Lemette Moreira, do Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor (NEAM), iniciou seus estudos na PUC-Rio em 1980, no curso de Comunicação Social, formando-se em 1984. Desde o início ela frequentava a Capela. Católica, a profa. Marina contou na entrevista que realizei que, aos 3 anos de idade, foi consagrada à Nossa Senhora na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, pela madrinha por causa de uma doença. Ela

atribui a cura a sua Fé em Nossa Senhora. E, dali para frente, ela nunca deixou de cuidar da sua religiosidade:

a Capela pra mim é um nicho de amor e presença de Deus fortíssimo, porque era o único lugar que a PUC tinha de religiosidade na época. Então, eu tenho um compromisso hoje com o NEAM de uma missão. Eu considero o NEAM como uma missão que veio realimentada na Capela. A gente fazia questão de que todos os eventos partissem da Capela. Eu acho que eu trouxe isso desde adolescente, mas de qualquer maneira foi muito fortalecida, porque o padre Morgante, como meu confessor, ele me ensinou a lidar com os limites de cada um. Eu não sabia, porque você é jovem, você não tem paciência, acha que tudo tem que acontecer. E eu acho que aprendi com o padre Morgante o tempo de cada um [23].

Para a profa. Marina, aquele lugar era mais que um espaço impessoal de trabalhos e afazeres acadêmicos. Ela sempre buscou conciliar o trabalho com a sua religiosidade. Para ela, a Capela teve um papel preponderante que fazia com que os alunos encontrassem ali uma religiosidade capaz de alimentar a questão da espiritualidade deles. Ela comentou que o pe. Anselmo Morganti S.J. tinha uma relação muito forte com a vivência acadêmica e da Fé e foi seu conselheiro espiritual. O pe. Anselmo era subordinado à Vice-reitoria Comunitária e era o mentor e tomava conta da Capela. Segundo a profa. Marina,

ele era [de] uma singeleza muito grande. Todas as pessoas que frequentavam a Capela tinham um elo muito grande em relação ao padre Morgante e em relação à PUC. Ele tinha uma influência muito grande de religiosidade. Lá, era um lugar que você podia encomendar missas especiais. Missas de sétimo dia, missas de aniversário. Ele fazia aos domingos. E eram missas muito cheias. Praticamente, todas as pessoas do Minhocão frequentavam a Capela [24].

O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, conhecido como o Minhocão, por conta de seu desenho com curva linear é citado pela profa. Marina. O projeto inovador do arquiteto francês, radicado no Brasil, Affonso Eduardo Reidy foi realizado com a proposta de atender à moradia de população de baixa renda.

O depoimento é uma das lembranças da profa. Marina, lembranças que usamos para construir a memória individual. Elas são tão consistentes e robustas quanto o material registrado em meio físico. O físico, representado neste estudo pelas paredes, os objetos e o espaço que compõe a Capela, agora em parte representado pelo Oratório, um pequeno espaço remanescente no local em que ficava a capela do térreo do Edifício Cardeal Leme, no qual as pessoas vão rezar e refletir.

Ao se remover a Capela, o lugar deixa de existir, mas a memória permanece através das fotos e dos depoimentos. Ou seja, o lugar físico pode ser removido, mas as lembranças dos indivíduos, através dos seus depoimentos, das suas palavras, das fotografias e documentos que reforçam esses lugares de memória não se perdem, enquanto eles existirem ou se essas memórias forem registradas ou repassadas para outros.

Pode-se encontrar essa perspectiva nos relatos da profa. Marina, ao considerar seu tempo na Universidade e sua relação com a Capela. Mesmo com as mudanças no espaço desse lugar, os fatos ocorridos nela ganham importância devido à transformação desses fatos em memórias o que contribuiu para ele ser um lugar de memória.

Mas, também, quando há vários depoimentos compartilhados sobre um lugar, aquilo se torna uma memória coletiva. Esses depoimentos guiam o nosso olhar sobre a Capela para compreender que esse lugar não representa somente um espaço físico, mas um lugar que vai muito além da materialidade. A partir dele, lembranças surgem e o elevam para um âmbito sensorial inscrito nas memórias das pessoas que relatam sobre este sentimento.

A memória relacionada à Capela é fruto das relações e experiências humanas vivenciadas naquele espaço, o que faz dele lugar de memória. Segundo Pierre Nora, as lembranças do lugar de memória são compartilhadas por um grupo social que se relacionava direta e indiretamente com ele.

Esse conjunto formado pelos depoimentos e lembranças das pessoas sobre os lugares pode constituir a memória coletiva relacionada à história Capela, como um dos lugares do sagrado na PUC-Rio. Como exemplo de lugares especialmente articulados à memória coletiva, à sua construção e significado, Nora cita os museus, as bibliotecas e os arquivos assim como determinadas práticas sociais tais como a unificação de livros escolares, a prática de cantar o hino nacional ou as festas cívicas, pois nestes lugares, resíduos e fragmentos da história são perpetuados e rememorados a cada acesso, e assim também a memória é preservada coletivamente ao mesmo tempo em que constrói uma identidade coletiva. Com a Capela não é diferente. Ela pode ser considerada um lugar de memória, na medida em que as memórias dos entrevistados e das pessoas que tiveram uma relação com aquele lugar nutrem um sentimento “do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição” [25]. Esses depoimentos se entrelaçam na memória afetiva e promovem a continuidade daquele espaço através das memórias individual e coletiva das pessoas que naquele lugar estiveram.

Nessa etapa da pesquisa os conceitos relacionados à história oral reforçam a noção de memória coletiva através dos depoimentos. A lembrança de cada um é o relato das experiências vivenciadas na Capela e é a partir destes relatos que a memória é construída, e em cada celebração e cada encontro lembrado, o lugar de memória consolida-se. É o que Verena Alberti discute sobre a especificidade da história oral ao abarcar os relatos feitos nas entrevistas que se tornam documentos gerados pelas memórias “que se quer guardar como concebido legítimo, como memória” [26]. E, segundo a autora, a história oral pode contribuir para “uma história objetiva da subjetividade” [27]. Percebe-se, portanto, que há uma multiplicidade de memórias fragmentadas, mas que convergem para um mesmo lugar: o nosso objeto de estudo. E essas memórias individuais em conjunto fazem parte da história da Capela da PUC-Rio.

### **3.3 - Outros espaços do Sagrado**

Desde o início, muitos eventos que aconteciam na Capela transbordaram para outros lugares do *campus*. O espaço do sagrado não se limitava somente ao espaço da Capela. As missas que reuniam uma grande quantidade de pessoas foram realizadas em outros lugares. Em função da fé, a Capela circulou simbolicamente pelo antigo Salão de Vidro, que ficava no final do térreo do Ed. Cardeal Leme, e pelos pilotis, exemplos de lugares que proporcionavam uma melhor logística para acolher um maior número de pessoas nas celebrações do que a quantidade permitida dentro da Capela. Nos pilotis havia missas de formaturas ou de celebrações, como na celebração de Natal.

A Capela cria uma função de memória que independe do lugar físico que, eventualmente, possa ocupar. Ela pode mudar sua estrutura física e conservar a função de abrir espaço para a espiritualidade característica da Universidade. O que na verdade evidencia a importância do lugar independente do espaço por ele ocupado, pois tem representação simbólica e perene, e ressignifica a memória que se guarda da antiga Capela e do seu papel dentro da Universidade. Os bancos da Capela transferidos para os pilotis do Edifício Kennedy demonstram um exemplo dessa configuração. Aparentemente pode-se perceber a descaracterização da Capela, mas, sob um olhar mais profundo, os bancos que serviam à Capela, mudam de função e passam a servir a todos da Universidade.

A função de memória da Capela parte de uma necessidade de acolher a todos que se aproximam para participar de momentos importantes da vida acadêmica e, ao mesmo tempo,

de vidas pessoais. Estabelece e consolida memórias – coletiva e individual –, e uma memória institucional, marcadas pelos contextos da história de cada um e da Universidade.

Esses outros espaços da PUC-Rio também possuem essa função de memória, ao servir de palco para momentos importantes na história da Universidade. Dona Dora tem um olhar afetivo para as celebrações religiosas feitas em outros espaços. Para ela,

uma coisa que eu achava bonito eram os momentos quando celebravam a Crisma. Sabe que tinha Crisma pra alunos e funcionários? Na Capela, nós tínhamos Crisma ali. Às vezes até na Capela não dava, às vezes, a gente fazia nos pilotis [28].

Antônio Albuquerque fotografa eventos que acontecem na PUC-Rio. Entre os seus registros estão os momentos religiosos que conectam e trazem a comunidade do entorno ao espaço da Capela, bem como ampliam esse espaço ao projetar no *campus*, através destes eventos, o lugar de memória que a Capela contempla. Ao longo da sua trajetória o fotógrafo registrou congressos, seminários, palestras, visitas e também missas comemorativas de formatura, de Natal, crismas ou apresentações do Coral da PUC. Em sua entrevista afirma:

quando o evento era muito grande, nós tínhamos aqui, onde é a livraria Carga Nobre, existia um salão. A gente chamava de Salão de Vidro, porque ele tinha muitas janelas, tinha muitas portas de vidro. Quando era um evento, por exemplo, houve uma missa pela morte de um bispo, eu não sei bem, foi aqui em um país da América do Sul, ele foi assassinado. Houve uma missa solene com vários padres com a participação da comunidade e foi nesse Salão de Vidro. Porque quando o evento era muito grande, por exemplo, nas festividades de Natal aqui da PUC, as missas eram celebradas na maioria nos pilotis do Kennedy, a partir de 65, 66, assim que o prédio ficou pronto. Geralmente, algumas missas de Natal eram feitas lá no Kennedy. E antes disso, em vários momentos, houve também várias cerimônias religiosas aqui no Leme [29].

A “missa pela morte de um bispo” citada por Antônio foi a celebração pela memória de Dom Oscar Arnulfo Romero, arcebispo de El Salvador, assassinado a tiros quando celebrava uma missa no dia 24 de março de 1980. A missa em homenagem ao arcebispo aconteceu no Salão de Vidro e foi concelebrada por 17 padres. Nelas estavam o reitor da época, pe. MacDowell S.J. e o Vice-reitor Acadêmico, pe. Agostinho Castejón S.J. Os sacerdotes pe. Alfonso Garcia Rubio S.J., pe. Álvaro Barreiro S.J., pe. Antonio Pereira S.J. e pe. José Carlos de Lima Vaz S.J. também estavam presentes na celebração. A missa não ocorreu na Capela por causa da grande quantidade de estudantes, professores e funcionários, que foram então reunidos no grande salão inacabado. A missa também tinha intenção pelas almas do pe. Luis Espinal S.J., assassinado na Bolívia, e do subdiácono Júlio César, agente de pastoral da Diocese de Valença, no Rio de Janeiro, vítima de espancamento.



Missa em homenagem a Dom Oscar Romero no Salão de Vidro.  
02/04/1980. Fotógrafo: Antônio Albuquerque.  
Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Na foto acima, é possível ver uma grande faixa colocada na parede do Salão de Vidro – ainda em tijolos – que ficou exposta durante a celebração. Posta para que todos no recinto vejam, o cartaz trazia escrito “Em nome de Deus, em nome desse povo sofrido... Rogo-lhes, ordeno-lhes: parem com a repressão”. Esta frase é de Dom Oscar Romero, dita durante uma homilia de domingo, na Catedral de San Salvador, em 23 de março de 1980, um dia antes do seu assassinato [30]. Nela, podemos ver o pe. Clodovis Boff sentado junto com outros padres e um rapaz, em pé, fazendo uma homenagem ao bispo salvadorenho durante a celebração. Por ser um dos lugares do Rio de Janeiro que acolhe padres da ordem jesuíta, a Universidade celebrou esta missa em homenagem a dom Oscar e aos padres jesuítas que também foram mortos pela repressão.

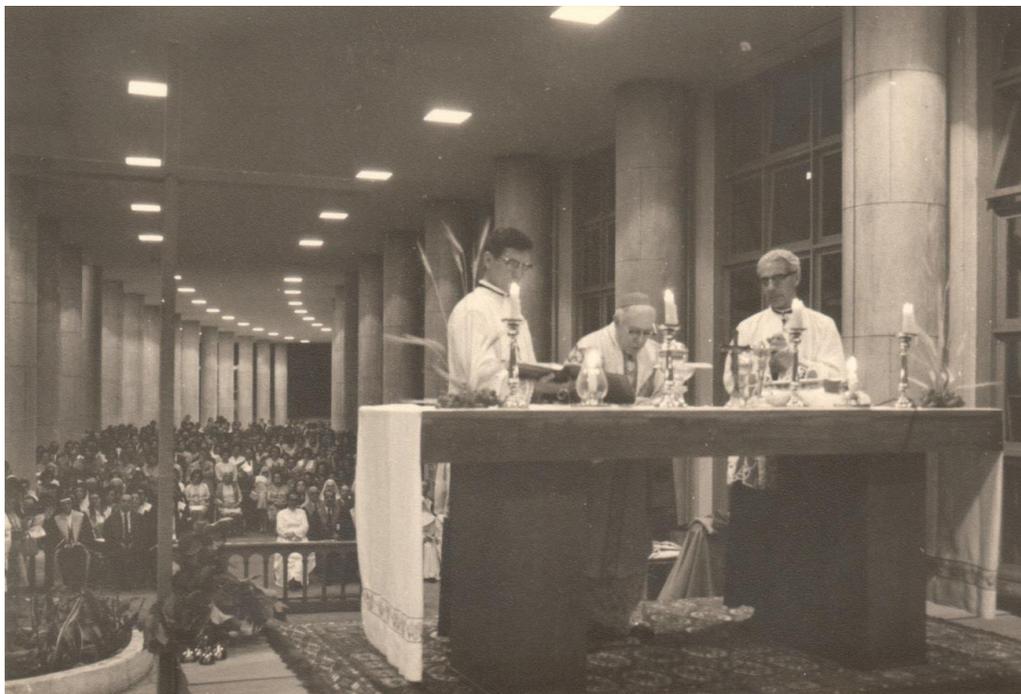
No período que coincide com o esgotamento da ditadura militar no Brasil, a anistia e a progressiva redemocratização, as celebrações religiosas da Capela passam a incorporar outros espaços no *campus*. O altar vai para os pilotis, os bancos ocupam outros lugares, as velas ajudam a iluminar o ato de devoção, a liturgia compartilhada com a comunidade realizada ao ar livre, envoltas pelo verde do *campus* ampliam o espaço da Capela.

O sagrado transborda e projeta a Capela, além e outros espaços do sagrado, como representações da memória institucional. Além dos eventos na Capela, crucifixos nas salas, imagens como a de Nossa Senhora Aparecida, e bem posteriormente, o jardim de plantas bíblicas no *campus* refletem esse transbordamento.

A memória institucional pode contribuir diretamente para a identidade de uma organização institucional que pode fazer parte da memória histórica pertencente, no caso, à uma universidade. As paredes de concreto, os documentos e registros fotográficos são o suporte físico que permite que a memória institucional da PUC-Rio se expresse na Capela da PUC-Rio. É possível, então, encontrar nestes documentos uma parte da memória da Universidade. Além disso, os registros fotográficos, posteriormente, publicados no *site* do Núcleo de Memória da PUC-Rio, fazem parte da memória institucional na Universidade que ajudam a recontar histórias para que ela seja transmitida às futuras gerações, alunos e todas as pessoas que fazem parte da comunidade da PUC-Rio.

Eventos acadêmicos como formaturas e festas de final de ano eram celebrados com a realização de missas que reuniam toda a comunidade nos pilotis tanto do Leme quanto do

Kennedy. Um exemplo disso está na foto que se segue e pertenceu ao acervo do prof. Paulo Novaes, da Vice-reitoria de Desenvolvimento, e está disponível no *site* do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Em 1964, aconteceu uma missa de formatura nos pilotis do Edifício Cardeal Leme, na altura do bloco C. Ela foi celebrada por dom Jaime de Barros Câmara, que aparece ao centro da fotografia, arcebispo do Rio de Janeiro. Ao fundo, de batina branca, assistindo a missa, o prof. pe. Francisco Machado da Fonseca S.J. também estava presente.



Missa de formatura nos pilotis do Edifício Cardeal Leme. 1964. Fotógrafo desconhecido.  
Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O altar situado em local elevado, o pátio do Leme e seus pilotis acolhem a comunidade para a celebração da missa. Na foto, os alunos, amigos, pais, funcionários, professores e religiosos acompanham a liturgia. A missa aconteceu antes da cerimônia de formatura, iniciando as comemorações para os formandos. Do ângulo da foto vemos como as colunas que sustentam o prédio conservam uma semelhança com muitas colunas das Igrejas e Catedrais que traduzem as constantes da arquitetura religiosa de todos os estilos. As lâmpadas fazem o papel dos lustres que iluminam o interior das Igrejas. Em 1964, a Capela ainda se encontrava no 5º andar do Edifício Cardeal Leme e toda essa estrutura foi montada para se adaptar à celebração, cumprir as funções de uma Igreja e acolher os formandos suas famílias e toda a comunidade universitária.

São imagens associadas a acontecimentos próprios de uma Universidade, como pode ser uma formatura, mas que é acrescida de uma cerimônia religiosa própria da identidade da PUC-Rio. E são imagens de celebração da vida, na alegria e na tristeza, construindo memórias felizes nos batizados, casamentos e outras comemorações, mas também vivenciando as memórias tristes por ocasião de falecimentos e tragédias que envolvem, direta ou indiretamente, a Universidade.

O pe. Paul Schweitzer S.J., além de professor do Departamento de Matemática, celebrou missas na PUC-Rio em momentos marcantes na cidade e no contexto internacional. O sacerdote celebrou as missas em homenagem às vítimas do atentado terrorista às torres gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos, e do caso de sequestro do ônibus 174, no bairro do Jardim Botânico. Segundo ele:

a gente fazia as coisas para comemorar ou lembrar eventos em geral. Não seria uma coisa excepcional, mas seria mais ou menos normal lembrar as coisas e problemas da sociedade. Tinha um grupo de leigos que vinha à missa sempre e provavelmente foi um deles que sugeriu. Por que não fazer uma celebração para lembrar da pessoa que morreu e para lembrar também sobre o World Trade Center? Essas coisas a gente fazia missa para lembrar [31].

Fotos são registros dos acontecimentos que ficam gravados para a história de uma instituição e permitem construir uma memória institucional. Tal memória, no contexto dos espaços do sagrado da PUC-Rio, é construída por registros fotográficos, complementados pelas impressões dos entrevistados que estavam presentes nesses momentos e por outros tipos de documentos tais como a imprensa e a documentação oficial da Universidade. E isso se reforça nas memórias presentes nos relatos dos depoimentos dos entrevistados. Durante a entrevista com dona Dora, ao comentar sobre o caso do sequestro do ônibus 174, ela lembrou suas impressões daquele dia, no contexto de quem via o cenário quase como espectadora:

nossa, veio imprensa. Foi um ó. Convidaram o esposo da moça que foi assassinada ao final do sequestro e a família e fizeram essa missa na antiga Capela. Não tinha espaço pra colocar mais gente lá dentro. Eu me lembro disso. Porque a PUC sempre foi pioneira nessas coisas, nesses movimentos sociais, né. Naquela época, era funcionária da Pastoral. Eu assisti essa missa e, nossa, você não tem noção, foi muita gente: pessoal da PUC, pessoal de fora e imprensa. Carro de som, refletores, foi mais uma festa. E muitos ali não entendiam o sentido da coisa não. Muitos ali estavam ali por curiosidade, entendeu? [32].

Diante desses relatos, observamos que as impressões dos entrevistados sobre os acontecimentos citados podem ser diversas, e estas impressões são exemplos de fragmentos que constroem a memória. Ao lembrar-se das ocasiões das missas pelos atentados nos Estados Unidos e pela vida perdida no sequestro do ônibus, pe. Paul mostrou a compaixão diante dos eventos que impactam, localmente e mundialmente, a sociedade. Em contrapartida, Dora expressou uma percepção que reflete uma estranheza. Por ser muito íntima, a impressão de Dora desse acontecimento justifica a especificidade da sua memória individual. Assim como Verena Alberti discute a guarda dos momentos passados que geram as memórias, percebe-se que essa experiência deu o tom das lembranças que Dora mantém sobre esse determinado acontecimento.

É certo que as memórias da Capela da PUC-Rio configuram em uma memória institucional, relacionam-se e complementam-se com as memórias individuais. As missas, celebradas ao longo da história da Universidade, são uma das ações com a marca do sagrado dentro do *campus*. A pesquisa histórica chega a esses eventos que podem ficar esquecidos no tempo através de fotos, depoimentos e outro tipo de documentação. É isso que Verena Alberti discute no contexto da história oral, ao perceber os relatos dos entrevistados aliados com as imagens fotográficas. Com esse processo cognitivo da história oral de lembrar-se e, ao mesmo tempo, passar pelo esquecimento, além dos complementos feitos pelas histórias registradas visualmente, surgem memórias que fazem parte da memória e da história da Universidade.

Assim como o enquadramento do registro da foto, um processo semelhante, também de enquadramento, se verifica no que diz respeito à memória de indivíduos, de grupos e de instituições. Verena Alberti afirma que “a história oral permite mostrar, através, de memórias individuais, os limites do próprio trabalho de enquadramento da memória” [33]. Pierre Nora e Verena Alberti convergem seus pensamentos ao acreditarem que a memória parte de suportes sensoriais. E, no caso dos espaços do sagrado da PUC-Rio, os eventos transbordados da Capela são representações que se tornam fatos que vão para além da função de representar os momentos do passado.

### 3.4 - Cenas de memória: o que ficou guardado após a passagem do tempo

A Capela da PUC ganhou espaço no coração e nas lembranças de alguns dos professores, alunos e funcionários que ainda atuam na Universidade. A Capela foi palco de diferentes acontecimentos que ajudam a preencher algumas das memórias que compõem a história da Universidade. Esse lugar deu espaço às comemorações dos departamentos e missas em homenagens aos professores, funcionários, alunos, familiares ou a celebrações em torno a acontecimentos relevantes da cidade, do país, do continente e do mundo.

Foi também espaço aonde nasceram programas comunitários que impactaram muitas vidas adiante. Com os olhos fixos na papelada de documentos na mesa em frente à qual deu sua entrevista, a professora Marina lembrava-se dos momentos em que foi criado o Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor. A professora conta que foi catequista com o padre Morgante e preparava as primeiras Eucaristias das crianças. O NEAM foi criado em 1988 e, segundo ela, a Capela era um lugar nobre de encontro entre os adolescentes. Ela vê na Capela um símbolo religioso muito forte que se integra na história da Universidade:

o NEAM foi criado há 38 anos e a Capela já era o nosso lugar nobre de encontro entre os adolescentes. A gente fazia com que a Capela se tornasse um ponto de encontro espiritual bastante forte. Fazíamos questão de que todos os eventos do NEAM partissem da Capela. Ela era muito singela, muito simples. Mas tinha muita força dentro da Universidade [34].

A Capela era uma aspiração desde o projeto de construção do *campus*. Mas em 1993, o pe. Pedro Guimarães Ferreira S.J., professor do Departamento de Engenharia Elétrica, foi responsável por iniciar a campanha da construção da Igreja no *campus* da Universidade em uma das missas que celebrava durante a semana na Capela da PUC-Rio. Segundo pe. Pedro, esse sonho era alimentado desde que tinha chegado à PUC-Rio como aluno de Engenharia, em 1954. Ele tinha em mente substituir a pequena Capela por uma Igreja que comportasse um número maior de pessoas nas celebrações. Grande parte do dinheiro para a construção da Igreja foi resultado da coleta feita nas missas e com as doações de fiéis e benfeitores. A Igreja começou a ser construída em 2003 e em 2005 foi inaugurada oficialmente no *campus* com missa celebrada pelo o Cardeal do Rio de Janeiro e Grão-Chanceler da PUC-Rio, dom Eusébio Oscar Scheid. Pe. Pedro relatou que

no ano 2000, eu falei para o padre: ‘escuta, padre, essa universidade como uma universidade católica não tem uma Igreja’. Nessa altura só tinha uma Capela pequenininha. Aí eu falei: ‘olha, vamos construir uma Igreja e vou começar a pedir dinheiro’. Não havia coleta, não. Nós começamos a fazer coleta. E, aos poucos, foi indo, pegou. A turma toda, o povão entusiasmou-se e fizemos outra missa. Fizemos uma campanha sensacional. O dinheiro começou a entrar bem. Depois de um ano de coleta, já tinha a metade que seria necessário [35].

O padre em questão era o Reitor da Universidade na época, pe. Jesus Hortal S.J., mas ele não conseguiu recordar. Segundo pe. Pedro, a construção da nova Igreja foi rápida, durou 2 anos. Para o engajamento da campanha, o número de missas aumentou durante o fim de semana. Pe. Pedro comentou em entrevista que antes era só uma missa no domingo de manhã, depois foi feita uma missa no sábado à tarde. Ele celebrava uma missa aos domingos às 19h15. E o pe. Jesus Hortal Sánchez S.J. programou uma missa aos domingos às 18h. Atualmente, há celebrações de missas diárias e aos finais de semana, tanto para toda a comunidade da PUC-Rio quanto para quem a visita.

A escala de relação com esse espaço do sagrado teve um alargamento, pois a mudança de uma pequena Capela para uma ampla Igreja trouxe a possibilidade de um maior número de pessoas participarem das celebrações e dos eventos da Universidade. Além disso, o que a Igreja do Sagrado Coração de Jesus trouxe de novo foi reafirmar a dimensão religiosa da

identidade da PUC-Rio, tanto por sua dimensão e visibilidade quanto por sua localização, no centro do *campus*.

Segundo pe. Pedro, a Capela foi desativada quando aconteceu a inauguração oficial da Igreja. O lugar foi transformado em um Oratório, um pequeno espaço onde há o Sacrário com a presença real de Jesus Cristo Eucarístico, um Crucifixo de madeira e uma imagem de Nossa Senhora das Graças. O novo espaço comporta até umas 5 pessoas e é dedicado a todos que desejam entrar para rezar. Na entrevista em sua sala no Edifício Pe. Leonel Franca, o sacerdote comentou que a transformação da Capela da PUC-Rio em Oratório foi ideia do prof. Carlos Alberto de Almeida, à época professor do Departamento de Engenharia Mecânica.

As transformações do espaço físico na cidade, pensadas pelo professor da Universidade de Columbia Andreas Huyssen, passam pelo momento histórico do período pós-Guerra Fria na capital da Alemanha, em Berlim [36]. Mas talvez seja possível operar com as ideias de Huyssen para pensar a Capela da PUC-Rio, sua relação com a comunidade universitária e, conseqüentemente, com a história da Universidade. Alguns pontos podem ser sugestivos. A transformação desse espaço em um Oratório representa, simbolicamente, a continuação do que foi vivido. E, atualmente, está sendo vivido de outra forma, aonde as pessoas passam por lá rapidamente antes de começar seus afazeres e ao final do dia, antes de voltarem para casa. Outras passam ali durante o dia para fazerem suas orações ou para meditar. Essa readequação do espaço é uma forma de ressignificar o passado institucional e, conseqüentemente, um pedaço da memória histórica da Universidade. O esquecimento intencional em contextos históricos, representado pelas ausências em cidades históricas como Berlim, por parte de organizações públicas ou privadas, é uma tentativa de apagar as marcas do passado. No entanto, os lugares institucionais da Universidade tornam-se palcos de experiências passadas sem deixar de trazer novas vivências, representando lugares de memória. O Oratório pode ser considerado um lugar de memória, na medida em que conserva as memórias do passado para quem conhece a história da Capela e possibilita que novas pessoas tenham acesso, promovendo novas memórias naquele novo espaço, que constitui uma presença visível do que foi aquele espaço um dia.

Para o historiador francês Jacques Le Goff, os monumentos, que são herança do passado e os documentos, escolhidos pelo historiador, são materiais da memória coletiva que imortalizam a história [37]. Além de afirmar que todo documento é monumento, Le Goff também demonstra que os materiais históricos têm um papel documental, seja por meio de registros escritos ou outros tipos de registro. Dialogando com essas reflexões de Le Goff, ao pensar o pequeno Oratório como monumento, este espaço evoca o passado, como uma perpetuação das recordações construídas nos momentos vividos na antiga Capela, assim como a Igreja do Sagrado Coração, ela mesma um monumento, perpetua, pela narrativa daqueles que a viveram e pelos registros que dela restaram, a capela dos *pilotis*, que por sua vez remete à capela do 5º andar do Edifício Leme.

Emocionada ao lembrar-se das inúmeras vezes em que esteve na Capela e recordar a mudança de lugar das celebrações, a profa. Marina demonstrou felicidade ao comentar sobre a nova Igreja da PUC-Rio. Na entrevista ela comenta as suas impressões para os novos momentos que são e serão partilhados no novo espaço:

quando foi feita a Igreja, eu fiquei muito feliz porque a PUC precisava de um templo religioso que representasse a nossa religião, a religião Católica. E eu acho que esse nicho [o oratório] hoje representa um lugar sagrado que foi criado para conter um pouco a aridez dos *pilotis*, mas esse lugar sagrado não tem nem comparação com que era a Capela. Ela era uma coisa muito forte. Grandiosa em termos existenciais, espirituais [38].

O relato da profa. Marina enfatiza a alegria de poder ver a construção de uma Igreja na PUC-Rio. A imagem desse lugar de memória, representado pela Capela está fortemente inscrita nas impressões da professora devido às memórias dos momentos que marcaram sua

vida. Ela e pe. Pedro compartilham do mesmo sentimento expressado no desejo da necessidade de haver uma Igreja na Universidade, e que acabou sendo pensada e construída no coração do *campus* universitário. A existência de uma igreja ajuda na afirmação da identidade da instituição e possibilita o encontro de fé e da solidariedade entre as pessoas. A Igreja é um espaço, e de certa forma, um monumento.

### 3.5 – Conclusão

Desde a Igreja do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, até a Capela do 5º andar, depois no térreo do Leme e, posteriormente, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Esse é o percurso histórico do espaço do sagrado estudado nesta pesquisa que compõe parte da memória individual, coletiva e institucional da PUC-Rio. Não fosse a memória das pessoas que tiveram e ainda tem relação direta com esses espaços, além dos documentos, fotos, textos e imagens, o lugar não existiria, porque ele não está mais lá. Assim como Andreas Huyssen pensa a cidade como texto, cujo espaço territorial urbano “é um texto que está constantemente sendo escrito e reescrito” [39], a Capela, inserida em um contexto universitário, voltada para a própria comunidade do *campus* e a todos que o cercam ou até mesmo que o visitam, também faz parte da memória da PUC-Rio, que é escrita e reescrita ao longo do tempo.

Para ter acesso à história desses espaços, essa pesquisa contou com as memórias e lembranças de pessoas que, durante a vida, tiveram a Capela e a Igreja como lugares presentes no seu cotidiano. Foi através dos depoimentos assegurados pela memória individual de cada entrevistado que esses espaços do sagrado foram aproximando-se e sendo mais conhecidos. Como Verena Alberti afirma que “a metodologia da história oral é quando os resultados puderem efetivamente responder às nossas perguntas” [40], podemos alinhar os fatos registrados em documentos e fotografias às memórias particulares de cada um.

A Capela foi um ponto de intercessão entre a vida dos que têm fé e a vida acadêmica. Com o crescimento da Universidade, a Capela é levada para os pilotis do Edifício Cardeal Leme e, posteriormente, para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. A partir desta mudança, os eventos são realizados em um espaço do sagrado que acolhe um maior número de pessoas.

Como que em uma linha do tempo, as memórias individual, coletiva e institucional enquadram-se nesse caminho do espaço do sagrado referente às Capelas e a Igreja. Assim como esse tripé da memória, estudado por Pierre Nora, a historiadora Amélia Regina Batista Nogueira afirma que os lugares “são a extensão da existência humana” [41], pois são os indivíduos que dão sentido aos lugares “e neles estão misturados sentimentos, memórias individuais e coletivas” [42].

Os três pilares do tripé da memória propostos por Pierre Nora, podem sustentar a leitura do espaço por excelência do sagrado na PUC-Rio, seu oratório, suas capelas e, posteriormente, sua igreja como lugares de memória, pois neles se sobrepõem e se combinam, nem sempre da mesma forma, memórias individuais, memórias coletivas e memórias institucionais.

Nas próximas etapas da pesquisa, pretendo explorar o segundo tripé dos lugares de memória, proposto pelo historiador Pierre Nora, no sentido de que, para que possam sê-lo, algum espaço ou prática precisa ser um lugar no sentido material da palavra, um lugar funcional de memória porque criar ou consolidar memória é sua função e por fim, um lugar simbólico, porque usa a linguagem dos símbolos e cria e recria a dimensão simbólica de um determinado espaço. Entender de que maneira essas Capelas e a Igreja se projetam nessas outras três dimensões dos lugares de memória será o objeto da próxima etapa do trabalho.

### 3.6 – Referências

- [1] – NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993.
- [2] – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Marco Referencial, [s.d.]. Rio de Janeiro. 1p. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/marcoreferencial/principal.html#>>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- [3] – NEVES, Margarida de Souza; BYINGTON, Silvia Ilg (Orgs.). **Igreja do Sagrado Coração de Jesus: Fé, Arte, Memória**. Rio de Janeiro: Núcleo de Memória da PUC-Rio, 2017.
- [4] – CENTRO LOYOLA DE FÉ E CULTURA PUC-RIO. Um passeio pela Arte e pela História dos Jesuítas no Rio de Janeiro, [s.d.]. Rio de Janeiro. 1 p. Disponível em: <<http://www.centroloyola.puc-rio.br/loyola-online/um-passeio-pela-arte-e-pela-historia-dos-jesuítas-no-rio/>>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- [5] – SCHWEITZER, Paul. Entrevista concedida a Raylla Aquino. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 14 ago. 2019.
- [6] – ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: FGV- RJ, 1996. p. 8.
- [7] – Ibid. p. 4.
- [8] – NORA, Pierre, op. cit., p. 1.
- [9] – SCHWEITZER, Paul, op. cit.
- [10] – Ibid.
- [11] - JORNAL DA PUC. Guia do calouro. Rio de Janeiro, PUC-Rio, ano IV, no. 32, fev. 1991. p. 5.
- [12] – SCHWEITZER, Paul, op. cit.
- [13] – DUTRA, Eliana de Freitas. A memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares. São Paulo: **Revista USP**, n. 98, junho/julho/agosto 2013. p. 71
- [14] – HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- [15] – GÚZMAN, Patricio. Nostalgia da luz. França: Pyramide International. 2010. DVD (90 min.): son., color. Documentário.
- [16] – BERNARDO, Maria Auxiliadora. Entrevista concedida a Raylla Aquino. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 02 nov. 2019.
- [17] – NORA, Pierre, op. cit., p. 19.
- [18] – Ibid. p. 12.
- [19] – BERNARDO, Maria Auxiliadora, op. cit.
- [20] – Ibid.
- [21] – ALBUQUERQUE, Antônio. Entrevista concedida a Raylla Aquino. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 06 ago. 2019.
- [22] – Ibid.
- [23] – MOREIRA, Marina Lemette. Entrevista concedida a Raylla Aquino. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 13 ago. 2019.
- [24] – Ibid.
- [25] – NORA, Pierre, op. cit., p. 7.
- [26] – ALBERTI, Verena, op. cit., p. 4.
- [27] – Ibid. p. 8.
- [28] – BERNARDO, Maria Auxiliadora, op. cit.
- [29] – ALBUQUERQUE, Antônio, op. cit.
- [30] - VICENTE, Mariano. Papa canoniza o “bispo dos mais pobres”: Óscar Romero, assassinado durante uma missa. **Estudos de Religião na Unicap**, Pernambuco, 17/10/2018. Disponível em: <<http://www.unicap.br/estudosreligiao/?p=1917>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

- [31] – SCHWEITZER, Paul, op. cit.
- [32] – BERNARDO, Maria Auxiliadora, op. cit.
- [33] – ALBERTI, Verena, op. cit., p. 5.
- [34] – MOREIRA, Marina Lemette, op. cit.
- [35] – FERREIRA, Pedro Guimarães. Entrevista concedida a Raylla Aquino. Rio de Janeiro, PUC-Rio. 28 ago. 2019.
- [36] – HUYSSSEN, Andreas. Vazios de Berlim. In: **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano / Universidade Candido Mendes / Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2004. p. 89.
- [37] – LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória.** 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1992. p. 535.
- [38] – MOREIRA, Marina Lemette, op. cit.
- [39] – HUYSSSEN, Andreas, op. cit., p. 89.
- [40] – ALBERTI, Verena, op. cit., p.1.
- [41] – NOGUEIRA, Amália Regina Batista. Lugar como representação das existências. In: **Maneiras de ler:** geografia e cultura. HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 85.
- [42] – Ibid, p. 85.